



Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades
Unidade acadêmica de Geografia
Especialização em Análise Regional e Ensino de Geografia

GENIRA PEREIRA DA COSTA

**Paisagem de Interior na literatura de Jessier Quirino: Cultura regional e
identidade nordestina**

CAMPINA GRANDE
2015

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo, a princípio, buscou estabelecer relação entre a literatura popular (poesia matuta) e a Geografia Cultural, por entender ser possível o diálogo entre esses saberes. A literatura regional é uma importante ferramenta da qual os geógrafos têm, atualmente, com muita frequência, se apropriado para a análise das categorias geográficas, a exemplo de lugar e paisagem.

Enquanto a Geografia, valendo-se de suas categorias de análise, tais como: espaço, território, região, lugar e paisagem tratam de estudar como as vivências e experiências são materializadas no espaço geográfico, a literatura popular, por sua vez, destaca as cotidianidades, a maneira como as pessoas vivem, o que pensam, sua religiosidade, ou seja, narra a vida e os acontecimentos cotidianos.

Assim, a paisagem, em suas diversas abordagens, teóricas e metodológicas, tem procurado explicar como as intenções e ações do homem, enquanto agente transformador do seu meio, ou modificam as feições da Terra, de modo que, a partir delas, seja possível identificar as evidências culturais dos grupos sócias pertencentes a cada lugar: suas crenças, seus costumes, classe social, e até mesmo sistema de governo ao qual estão inseridos.

Tendo como ponto de partida tais enfoques, e a maneira como a literatura popular regional coloca em evidência aspectos peculiares da região Nordeste, a exemplo do modo de ser, falar, lidar com as adversidades sem perder a alegria de viver, são feitas algumas considerações sobre a relação do conceito de paisagem como categoria de análise da ciência geográfica e o poema de Jessier Quirino: “Isso é cagado e cuspidado, paisagem de interior”.

O poeta Quirino escreve sobre aspecto do cotidiano, do homem do Sertão e Agreste Nordestinos. Segundo ele, suas poesias têm a intenção de manter vivos aspectos da cultura de um povo, que estão aos poucos se perdendo em decorrência da homogeneização das informações, e da presença cada vez maior dos meios de comunicação de massa.

Ao mesmo tempo em que tem se empenhado em manter viva a cultura regional, também afirma a sua identidade, uma vez que, cresceu

experimentando de tudo o que sua poesia traz. Quirino, por ser filho de Campina Grande, cidade localizada geograficamente na mesorregião do agreste paraibano, essa que, durante todos os anos, recebe milhares de pessoas que vêm de todas as mesorregiões da Paraíba, por uma cidade de médio porte de grande importância econômica e no que diz respeito a educação superior, uma vez que em Campina Grande estão localizadas duas grandes universidades públicas a exemplo da UFCG¹ e UEPB².

Portanto, em Campina Grande o poeta encontra inspiração nas histórias ouvidas, nos vários lugares descritos, enfim, todo esse contato humano acaba enriquecendo o imaginário de Jessier. Não suficiente, ele atualmente vive em Itabaiana, pequena cidade do interior da Paraíba pertencente a mesma mesorregião, o que o possibilita viver as experiências cotidianas da gente de quem escreve.

Nessa perspectiva, o estudo refere-se a uma pesquisa de revisão bibliográfica e conceitual, fazendo uso do livro “Paisagem de Interior”, e dando destaque ao poema central dessa obra: “Isso é cagado e cuspidado, paisagem de interior”, instrumento de análise entre a relação da paisagem nordestina e a paisagem presente na narrativa do poeta e, desta maneira, afirmar ou refutar se os elementos que estão presentes na poesia em questão, realmente, podem ser tomados como representação da paisagem interiorana, uma vez que, a paisagem é a relação que se estabelece entre os aspectos naturais, matérias e imateriais, dos grupos sociais com seu lugar. Tais relações são resultantes das ações do homem com a natureza, contudo percebida a partir da subjetividade de cada indivíduo.

Assim, o trabalho traz, a princípio, os conceitos de cultura, paisagem e identidade, por entender que esses conceitos estão imbricados, uma vez que, na paisagem estão materializadas as marcas da cultura e dos grupos sociais que servem como referências para a identificação das identidades coletivas das sociedades. Posteriormente, foi necessário buscar identificar marcas das identidades culturais nas paisagens narradas pelo poeta, às quais, ele afirmou ser cagado e cuspidado paisagem de interior e, por fim, as considerações finais.

¹ Universidade Federal de Campina Grande

² Universidade Estadual da Paraíba

2. Cultura, paisagem e identidade.

Antes de qualquer menção à paisagem, enquanto instrumento de análise da identidade cultural de um povo, é importante pensar o conceito de cultura, identidade e paisagem, de modo que, cada um desses, ao ser definido, possa compor a paisagem como um conjunto de elementos que, embora pareça representar a realidade de um lugar, não necessariamente, dá conta dessa função como um todo.

Portanto, pode-se afirmar que a paisagem é o resultado de um processo que envolve elementos naturais e, sobretudo, do trabalho humano. Isso, de certo modo, explica as diversidades das paisagens, porque as ações humanas são condicionadas de acordo com a cultura de cada indivíduo, pois:

A cultura é um conjunto de instrumentos e de artefatos que permite ao homem agir sobre o mundo exterior, estando também associada a plantas e animais que as sociedades apreenderam a utilizarem para modificar o ambiente natural e torná-lo produtivo. (SAUER *apud* CLAVAL, 2007, p. 31)

É possível que sociedades diferentes, disponham de objetos iguais ou semelhantes, embora, façam uso de maneiras diferentes. Isso refletirá na composição das paisagens. Às vezes, a sua utilização é condicionada de acordo com o conhecimento técnico que se tem não somente do meio, mas do próprio recurso técnico. As técnicas são elementos importantes para produção e reprodução das paisagens e, por ser a cultura, um conjunto de instrumentos, de natureza, material e imaterial, são esses instrumentos que referenciam cada indivíduo e diz a que grupo social pertence.

Em uma abordagem possibilista³, (Moraes, 1996) pode-se dizer que, a paisagem reflete as condições que os grupos sociais tiveram e têm de transformar a seu favor o que o meio lhe oferece, ou seja, a depender das técnicas disponíveis e das condições impostas pelo meio, as paisagens podem ser transformadas dentro das possibilidades de cada grupo. Isso é o que Sauer

³O possibilíssimo, corrente do pensamento geográfico, elabora por Vidal de La Blache, dizia ser o homem criador das possibilidades para sobreviver na terra. Nessa perspectiva a natureza estava à disposição do homem, que ao desenvolver um conjunto de técnicas e hábitos que ao longo do tempo iriam se aperfeiçoando, possibilitava a ele sobreviverem em diversos ambientes. Nesse caso as possibilidades era o homem que criva e não a natureza que determinava.

chamou de conjunto de instrumentos. Nesse sentido, ele condiciona e é condicionado. Mas afinal, o que faz a diferença na composição das paisagens? Serão as técnicas ou as características culturais de cada grupo? Segundo Claval, (2002)

A cultura revela o entendimento sobre as experiências do homem com o meio ambiente e social, de modo que possa compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente dando-lhe sentido as suas vidas (CLAVAL, 2002, p. 20).

O entendimento que se tem do conceito de cultura está associado ao conjunto de práticas, ou seja, ao jeito de fazer algo, supondo que cada grupo tenha uma maneira particular de produzir, comercializar, se relacionar e de falar, dentre outros. Seria então, esse conjunto de características que dá sentido à vida dos grupos sociais, ao mesmo tempo, que os particularizam, tornando-os diferentes, responsável por atribuir uma identidade cultural?

Para La Blache *apud* Claval (2007, p. 33), a cultura que se deve dar relevância é aquela que se aprende através dos instrumentos que as sociedades utilizam para produzirem e modelarem as paisagens. Os instrumentos compõem um conjunto de elementos que só podem ser compreendidos quando analisados como componentes integrantes dos gêneros de vida dos grupos sociais.

Nessa perspectiva, os elementos dos quais as sociedades fazem uso demonstram a forma como as pessoas vivem, transformando a paisagem natural em paisagem cultural. Deste modo, é relevante pensar por que as paisagens são tão diferentes, mesmo quando as características climáticas e geomorfológicas de determinadas regiões se assemelham? A cultura de cada povo pode responder a esse questionamento, mas também, as técnicas que estão à disposição de cada grupo social, ou as duas, ao mesmo tempo.

Ao propor a diferenciação entre paisagem e espaço, Santos (2009) define paisagem como sendo um conjunto de formas que revelam as heranças das relações entre o homem, a natureza e o espaço. Seriam estas formas mais a vida que os animam, ou seja, as atividades executadas sobre elas, dando-lhes um significado, uma razão de existir. Nesta definição, fica claro que as paisagens são compostas por formas criadas para atender a finalidades diversas. Portanto, a paisagem como campo de estudo da Geografia torna-se

importante para a análise das identidades culturais dos grupos sociais, uma vez que:

A cultura aparece ao mesmo tempo como uma realidade individual (resultante da experiência de cada pessoa) e social (resultante de processos de comunicação). Não é uma realidade homogênea. Ela compõe muitas variações (CLAVAL, 2002, p. 21).

As variações das quais o texto faz referência podem ser em decorrência das inovações técnicas ou, pelo contato com outras culturas, podendo interferir na formação da identidade do indivíduo. Nessa perspectiva, Hall (2006) chama a atenção para as concepções de identidades observadas ao longo do tempo, que contemplam o sujeito do iluminismo, o sujeito sociólogo e o sujeito da Pós-modernidade.

Com efeito, são interessantes as definições de sujeito sociológico e de sujeito da pós-modernidade, em que o primeiro reflete a complexidade do mundo moderno, aquele que sofre influência e influencia outras culturas, mas que, ao mesmo tempo, mantém sua identidade fincada ao seu ponto de origem, que é seu lugar. “A identidade nessa concepção sociológica preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”, entre o mundo pessoal e o mundo público” (HALL, 2006, p. 11).

Por sua vez, o sujeito da pós-modernidade é aquele que, ao longo do tempo e em contato com os mais diversos mecanismos de informação cada vez mais instantânea, encontra-se sem referência, uma vez que, sofre influência de várias culturas ao mesmo tempo, tendo, assim, dificuldade de encontrar um referencial para definir sua identidade. Isso acontece porque ele está sobre influência de todas ou, quase todas as culturas. Ou seja, as relações tornam-se fluidas, a solidez dos lugares e coisas cada vez mais permeáveis.

Na composição das identidades do sujeito sociológico as atitudes praticadas pelos grupos sociais passam a ser elementos decisivos à formação das identidades individual e coletiva, pois cada pessoa carrega marcas da cultura, daqueles com quem se convive e mantém contato. Nesse sentido, pode-se dizer que a cultura é um conjunto “de atitudes e costumes que dão ao grupo social a sua unidade, sendo importante para a construção da identidade coletiva” (CLAVAL, 2002, p. 21).

Em meio a esse conjunto de atitudes e costumes, as paisagens são criadas e recriadas de maneira que possam materializar aspectos da cotidianidade das pessoas, pois na paisagem estão as formas, mas também o conteúdo, que quando analisados separadamente, somente são capazes de revelar verdades parciais, uma vez que a paisagem é um agrupamento de fragmentos do espaço, que num dado momento, exprime as heranças que representam as mais variadas relações existentes entre homem e natureza (SANTOS, 2002, p.66).

Quantas verdades são possíveis captar na paisagem? Numa perspectiva marxista, a paisagem é um conjunto de formas criadas em tempos diferentes sob as condições técnicas vigentes em uma sociedade de classes, mediante a um contrato social, pois em uma sociedade estruturada em classes sociais, as paisagens são tão diversas quanto as relações de exploração do homem pelo homem.

Se na paisagem está escrita a relação do homem com o meio, assim como, com a forma de apropriação e exploração do capital e da força de trabalho, revelando o passado e presente, isso implica dizer que, na paisagem estão as marcas da cultura dos grupos sociais que a produziram, sejam elas material ou imaterial, pois o patrimônio cultural de um povo não se mede apenas nos bens materiais produzidos por eles, mas também consiste no patrimônio imaterial, como suas crenças, seus costumes, jeito de ser, andar, se comportar, estilo de falar, dentre outros.

Em uma concepção mais crítica da paisagem, pode-se dizer que ela é o resultado da relação de dominação do homem pelo homem, em que forças de equivalências distintas se enfrentam. Isso se torna perceptível na comparação entre as paisagens de bairros de classe médias alta e bairros populares. Nesse sentido, a paisagem reflete a existência de um sistema de poder, em que as relações de poder são antagônicas e excessivamente desiguais.

Assim, as sociedades afirmam suas identidades a partir de um conjunto de elementos que as particularizam, embora, esses elementos sejam aprimorados ao longo do tempo, não perdem sua essência, a exemplo da maneira de falar, vestir-se, sua culinária, os festejos, os santos de devoção e

como prestam cultos a eles. Ao se ter esse entendimento da composição da identidade cultural, é importante averiguar de que maneira a paisagem manifesta-se em tudo isso? Como é possível perceber a cultura ou definir a identidade de um povo a partir do que se vê ou mesmo do que se ouve?

Em busca de respostas para esses questionamentos, propõe-se aqui observar e, ao mesmo tempo, refletir sobre as marcas nas paisagens que podem colaborar para identificar elementos que contribuam para a formação das identidades culturais das diversas realidades que compõem o interior da Nordeste. Esta reflexão será feita a partir da análise da poesia matuta de Jessier Quirino, que narra as vivências e experiências daqueles que vivem nas mesorregiões do agreste e sertão nordestino, sobretudo do campo.

3. Em busca das marcas das identidades culturais nas paisagens: um olhar do interior da Paraíba a partir da obra de Jessier Quirino

Em tempos distintos, as estruturas físicas e sociais adquirem aspectos e significados diferentes. Contudo, identificá-las e revelar o seu valor, é algo extremamente subjetivo, e depende como cada pessoa se relaciona com esses conjuntos de elementos naturais e simbólicos que compõem os espaços geográficos e, por que não dizer, as paisagens.

São sobre os símbolos e signos presentes no interior nordestino que o poeta Jessier Quirino tece sua narrativa. Em seu primeiro livro, Paisagem de interior, o poema de maior destaque “Isso é cagado e cuspidor paisagem de interior”, enumera alguns elementos que, segundo o poeta, revela alguns dos aspectos da paisagem cultural do interior do Nordeste brasileiro, por isso, são importantes na formação das identidades individuais e coletivas das pessoas desses lugares.

Chapéu de couro, gibão
Bodega com sortimento
Tabuleiro de cocada
Banguela dando risada
Das prosas dum cantador
Buchuda sentindo dor
Com o filho quase parido
Isso é cagado e cuspidor
Paisagem de interior

Ciscador, corda e enxada
Na mão do agricultor
No jardim, um beija-flor
Num pé de planta florido
Um motorista cangueiro
Um jipe chêi de batata
Um balai de alpercata
Porca gorda no chiqueiro
Um camelô trambiqueiro
Aveloz, lagartixa

Bode véio de barbicha
 Bisaco de caçador
 Um vaqueiro aboiador
 Um bodegueiro adormecido
 Isso é cagado e cuspidado
 Paisagem de interior

Meninas na cirandinha
 Um pula corda e um toca
 Varredeira na fofoca
 Uma saca de farinha
 Cacarejo da galinha
 Novena no mês de maio
 Vira-lata e papagaio
 Carroça de amolador
 Fachada de toda cor
 Um bruguelim desntrido
 Isso é cagado e cuspidado
 Paisagem de interior

Uma jumenta viçando
 Jumento correndo atrás
 Um candeeiro de gás

Véi na cadeira bufando
 Rádio de pilha tocando
 Um choriço, um manguzá
 Um galho de trapiá
 Carregado de fulô
 Fogareiro, abanador
 Um matador destemido
 Isso é cagado e cuspidado
 Paisagem de interior

Um forró pé de serra
 Fogueira, milho e balão
 Um tum-tum-tum de pilão
 Um cabritinho que berra
 Uma manteiga da terra
 Zoada no mei da feira
 Facada na gafieira
 Matuto respeitador
 Padre prefeito e doutor
 Os homens mais entendidos
 Isso é cagado e cuspidado
 Paisagem de interior

Para o poeta e ensaísta, Alberto da Cunha Melo⁴, Jessier demonstra uma profunda preocupação em deixar registrado as paisagens do sertão e do agreste paraibano. Observador do cotidiano interiorano, Jessier Quirino tem percebido grandes transformações no mundo rural, em decorrência da homogeneização dos meios de comunicação e das novas tecnologias. Com base nisso, busca fazer em suas narrativas uma espécie de etnografia poética dos valores, hábitos, utensílios e linguagem do agreste e do sertão nordestino.

A preocupação em preservar esses elementos que compõem a identidade cultural do Nordeste se justifica quando Jessier Quirino diz ser “arquiteto de profissão”, “poeta por vocação” e “matuto por convicção”. O poeta mostra-se integrado com suas raízes, tornando-se um apreciador e observador das peculiaridades e costumes das pequenas cidades do interior, desde os aspectos físicos até os mais despercebidos afazeres cotidianos e vivências da

⁴ Nascido em Jaboatão, Pernambuco, pertence à Geração 65 de poetas pernambucanos. Como Sociólogo atuou durante onze anos na Fundação Joaquim Nabuco. Jornalista foi editor do Comercio Cultural do Jornal do Comercio, e da revista Pasárgada. Foi colaborar da coluna Arte pela Arte, do Jornal da Tarde, SP, e mantém a coluna Marco Zero, na revista Continente Multicultural. Para ele a obra, de Jessier Quirino vai além do valor estético cada dia mais comprovado, vai futuramente servir como documento e testemunho de um mundo já então engolido pela voragem tecnológica.

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/acmelo.html>

quais faz parte também, uma vez que, é morador de uma pequena cidade do interior, Itabaiana- PB.

Portanto, os elementos existentes na poesia Quiriniana fazem parte das relações sociais que ele mesmo tem com o seu lugar. Esses que não são estáticos, mas modificam-se constantemente produzindo e reproduzindo paisagens diferentes. São elas, as marcas e ao mesmo tempo, “pano de fundo para as atividades humanas”, TUAN (1980). Assim, ao pensar a paisagem, é possível defini-la como:

Um modo de viver e não simplesmente um plano de ver, perceber, conceber, representar a espacialidade. Paisagem e espaço geográfico se confundem e indistinguem no processo de produção pela sociedade do espaço. Ao construir o espaço a sociedade constrói paisagens, sem as quais é incompreensível e impossível a construção social do espaço (DIAS, 2009, p. 02).

Consciente da dinâmica espacial, de como os processos sócioespaciais são importantes na configuração espacial, Jessier busca resgatar alguns elementos esquecidos que estão se perdendo com o tempo. Por isso, ele não rememora apenas aspectos físicos da paisagem, fauna, flora, mas o cotidiano do sujeito do interior, marcado pela sua simplicidade e rusticidade, tais aspectos são contemplados em sua narrativa.

Matuto no meio da pista
Menino chorando nu
Rolo de fumo e beiju
Colchão de palha listrado
Um par de bêbo agarrado
Preto véo rezador

Jumento, jipe e trator
Lençol voando estendido
Isso é cagado e cuspidado
Paisagem de interior

Os versos não trazem somente a simplicidade do matuto, mas aspectos culturais do nordeste brasileiro. Dentre eles, a presença dos curandeiros, herança dos negros do Brasil colônia, além do jumento como animal importante para locomoção e transporte de carga, ainda bastante utilizado no meio rural, como também, nas pequenas cidades em decorrência da problemática da crise hídrica.

Nesse sentido, a poesia de Jessier é relevante porque se configura em um importante instrumento de análise da paisagem contemporânea em uma perspectiva humanística, uma vez que, se apresenta híbrida, isto é, “carregada

de natureza cultural, de processos naturais e sociais” (LUCIARI, 2001, p. 21). Paisagem multifacetada, assim como o seu povo, devido à diversidade existente no processo da formação social do Brasil.

Resultante das mudanças na vida política, econômica e social dos homens, a paisagem é fonte de estudo de tempos passado e presente. Por isso, nela é possível, reconhecer, ainda que, parcialmente, as identidades culturais, dos grupos sociais.

Embora a poesia de Jessier pareça estar narrando elementos que ficaram no passado, isso não é de um todo verdade. Alguns aspectos tratados pelo poeta estão ainda bastante vivos, a exemplo das rezadeiras. Muita gente ainda recorre às rezas dos curandeiros para curar mau olhado, dentre outros. Essas práticas coexistem com os serviços oferecidos pela saúde institucionalizada, ou seja, o velho e o novo atuando no mesmo espaço tempo.

Contudo, para Jessier, a paisagem descrita em sua poesia, destaque para o poema “Isso é cagado e cuspidado, paisagem de interior” traz um pouco dos elementos presentes nas paisagens interioranas do nordeste. Isso implica dizer, que sua poesia traz apenas uma das muitas feições que podem ter as paisagens, portanto não revela toda a diversidade cultural dessa região, estando aqui posta em evidência a percepção dele como sujeito observador e alguém que vivencia o lugar descrito.

Jessier não apenas coloca em evidência as belezas naturais, mas, sobretudo, dá relevância à cotidianidade daqueles que vivem no interior. Contudo, é importante ressaltar que, o interior do nordeste não pode ser homogeneizado, uma vez que apresenta realidades diversas.

A região Nordeste e o interior são bastante diversos no que diz respeito aos aspectos sociais, econômicos e culturais. Além da diversidade, é importante saber que nem todos vivenciam com a mesma intensidade todos os aspectos da cultura regional. Isso é perfeitamente comprovado quando gerações diferentes tiveram contato com a poesia de Jessier Quirino, por exemplo.

Enquanto os mais idosos se reconhecem na paisagem narrada pelo poeta, embora o reconhecimento retome como uma lembrança do passado, os mais jovens, na faixa etária entre 13 e 17 anos, apenas reconhecem alguns elementos que fazem parte da cultura regional. Isso porque, a cultura é

vivenciada de maneira diferente por indivíduos que estão inseridos no mesmo contexto socioeconômico e cultural.

Segundo Claval (2007), os elementos que compõem a cultura de um povo não são recebidos e vividos passivamente por aqueles que são herdeiros dela. Eles apenas absorvem alguns traços e rejeitam outros. O que convém afirmar que “a cultura são realidades mutáveis” (CLAVAL, 2007, p.13), assim os espaços são moldados de acordo com as dimensões materiais e simbólica. Assim, é possível afirmar que a paisagem cultural é construída de realidades e símbolos que são inventados para descrevê-la, dominá-la. (Idem, p.14).

A dimensão simbólica que envolve as paisagens possibilita um entendimento diferente para observadores de uma mesma paisagem. Aqueles que têm alguma relação com a paisagem observada, vão perceber elementos que outros observadores jamais poderão ver. Entretanto, a realidade é apenas uma, mas cada indivíduo vê-la de forma diferente, Santos (1988).

Nesse sentido, a análise da poesia de Jessier é importante, uma vez que, os elementos evidenciados em sua narrativa estão carregados de sentido, e de afetividade. É também, de certo modo, o resgate daquilo que tende a desaparecer com o tempo, em decorrência das influências de outras culturas. Isso porque, as pessoas tendem a supervalorizar o que vem de fora. O homem, sobretudo aquele humilde, parece enfeitado por tudo aquilo que os meios de comunicação de massa transmitem, sem se dar conta do valor de sua cultura.

Ao mencionar a influência que meios de comunicação de massa exerce sobre o matuto, Jessier Quirino diz ter medo que o matuto se esqueça quem é, e do seu valor.

Segundo Jessier, em entrevista ao jornal Tribuna do Norte RN.

É preciso ter consciência, cada povo tem seu valor. A riqueza que os cerca, como sua agricultura familiar, praticada com tanto esforço, suas criações sejam elas, galinhas, gado, porcos, cabra, tem importância na sociedade. Quando não se tem essa consciência, muitas vezes essas pessoas trocam o que têm por algo de fora, por não reconhecer o valor sobre o que eles produzem. Como exemplo a substituição do suco natural, pelo sintético, a galinha de capoeira, pelo o frango da Sadia, afinal a TV disse ser ele o melhor. Isso também acontece com outros aspectos da cultura. (JESSIER QUIRINO, 2008)

Essa concepção sobre o que lhe pertence é muito importante. Assim como é de fundamental importância a noção de que para se fazer uso de outra coisa, não é necessário abrir mão dos seus valores, seus costumes, ou seja, sua cultura. A maneira como cada um lida com esses elementos, também influencia na forma de perceber as paisagens.

Por isso, “a percepção não é ainda o conhecimento, pois este está condicionado à interpretação do observador que será mais válida à medida que consideramos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência”. (Santos *op cit*). As aparências, portanto, não dão conta de toda a subjetividade presente nas paisagens, o que requer do leitor observador uma análise mais profunda. Porque a paisagem não consiste apenas em aspectos do visível, mas de emoções e sensações. Quanto mais íntimo for o lugar para o observador, mais fortes serão esses sentimentos. Assim, é possível afirmar que:

A paisagem, portanto, não é uma materialidade visível/perceptível simplesmente, nem uma representação mental puramente. A paisagem tem sempre uma espessura espacial que vai além da aparência – ou que torna a aparência perceptível, representável e representativa. Esta espessura da paisagem constitui-se pelos extratos temporais/históricos e culturais (além dos extratos ecológicos, mas estes são sempre interpretados e interpenetrados pela cultura) DIAS (2009 *op. cit*).

As paisagens têm suas aparências, embora, muitas vezes, generalizadas, sobretudo por aqueles que só as conhecem por terem visto ou ouvido falar, e, por isso, as definem somente a partir de alguns elementos em comum, sem analisar seu conteúdo. Ela não é somente o que se pode ver. Nelas estão às marcas de tempos pretéritos, portanto as experiências e vivências de gerações passadas foram importantes para nortear as identidades presentes, pois, nem tudo o que pode ser definido como paisagem, está aos olhos do observador.

Para quem a percebe de maneira estática, e, por isso, tende a generalizar, tendo uma concepção do todo, a partir de fragmentos, é relevante ressaltar que, antes de fazer tal generalização, é preciso pensar os conteúdos sociais e culturais que lhe deram existência. Pois mesmo que elas estejam marcadas por elementos que muitas vezes fazem parte de uma mesma matriz cultural, ainda assim, não é possível dizer que são de um todo igual.

E por que é possível fazer tal afirmação? Por ser a paisagem a materialização do trabalho humano, esse trabalho é marcado pela subjetividade daqueles que o idealizam e realizam. Não só por isso, mas também, porque na configuração territorial de uma região, as técnicas utilizadas não se dão de maneira uniforme, em toda a sua extensão territorial. Por isso que:

A espessura da paisagem se define por diferentes extratos históricos (os tempos materializado nas formas e funções dos objetos) e por diferentes extratos culturais (os significados e valores atribuídos pela sociedade às formas e aspectos ou parcelas da paisagem) (DIAS, 2009, p.03)

A maneira como cada indivíduo enxerga, ou mesmo, se reconhece na paisagem, condiciona sua ação, produzindo configurações territoriais diferentes que assumem funções diversas com o passar do tempo a fim de atender a vários interesses. Portanto, a espessura da paisagem é composta por tempos diferentes e possui significado, também, diferente, para quem dela participa, ou seja, “em cada época, o imaginário coletivo define a concepção social de natureza e a traduz, transformando-a em artefatos materiais e simbólicos, isto é em cultura” (LUCHIARI, 2001, p.11).

Por isso, a paisagem do interior, sobretudo a rural, pode ter inúmeros significados, a depender do seu observador e da relação que ele tem, ou desenvolveu com ela. Assim, a mesma paisagem pode apresentar significados diferentes. Ainda de acordo com Dias (2009), podendo exercer sobre o observador.

Tanto um sentimento de contato com a natureza, um bucolismo, como pode ser representada como o arcaico, como atraso e ignorância. A espessura não diz respeito apenas ao conteúdo em si da paisagem, mas ao modo como este conteúdo é significado e interpretado por diferentes sujeitos. (p. 03)

Nessa perspectiva, é possível afirmar que, na poesia matuta de Jessier Quirino, não está contida a totalidade do ser nordestino, sobretudo, nos dias atuais. O mesmo pode-se dizer, acerca do interior da Paraíba, uma vez que, trata-se de uma realidade fragmentada. Assim, o poeta apenas ressalta alguns aspectos da vida dos sujeitos que nessas cidades vivem.

Em entrevista ao Jornal Tribuna do Norte, Natal-RN (2008), Jessier Quirino falou da preocupação, no que diz respeito a alguns aspectos da cultura do

povo nordestino, sobretudo da maneira como o homem simples é retratado. Aqui, ele faz referência ao matuto:

Pessoas que não necessariamente vêm do sertão, que seja analfabeto. São pessoas agarradas aos valores do campo. Ao defenderem os valores do seu lugar, o matuto sofre preconceito, por ser demasiadamente humilde, muitas vezes, taxados como ignorantes, aqueles que não têm conhecimento. (QUIRINO, 2008).

Constrangido, o matuto, diante desses preconceitos, tem cada vez mais se distanciado de suas origens. Observado esse comportamento, Jessier tem procurado resgatar alguns dos elementos que são intrínsecos ao homem do campo, dando-lhe notável relevância em suas narrativas poéticas. Dentre esses aspectos, pode ser destacada a humildade do matuto em falar, no seu modo de chegar, cumprimentar, em demonstrar respeito pelo outro. Aspectos esses que têm sido amplamente explorado em sua poesia.

Percebo que ele não reconhece os valores que ele tem. Isso em função, da informação que vem do Sudeste e do espírito colonizado de achar que o que vem de cima para baixo é melhor. O vaqueiro hoje usa a moto em detrimento do cavalo. Há toda uma cultura se perdendo em torno da modernidade. (Jessier Quirino, jornal tribuna do Norte-RN, 2008)

Ao fazer esse esclarecimento, o poeta não está negando ao homem do campo, ou mesmo da pequena cidade, o direito aos benefícios da tecnologia e das invenções, que de alguma maneira, possa facilitar sua vida, trazendo-lhes conforto. A preocupação, porém, consiste em que os elementos da modernidade não ofusquem a beleza e riqueza da cultura de um povo, importantes para afirmação de suas identidades, individuais e coletivas.

Considerações Finais

Paisagem é um conceito polissêmico. Sendo assim, apresenta variadas interpretações, de acordo com a subjetividade de cada sujeito. Ciente das mais variadas concepções que o conceito de paisagem pode ter, foi possível perceber que a poesia matuta de Jessier Quirino traz em sua narrativa diversos elementos que compõem a cultura do Nordeste brasileiro. Contudo, a narrativa poética presente no livro “paisagem de interior”, por si só, não dá conta de expressar a

diversidade cultural presente na mesorregião do Agreste e micro região do Brejo Paraibano.

No que diz respeito às paisagens interioranas nos dias atuais, comparadas à narrativa Quiriniana, ainda é possível perceber muitos dos aspectos não somente naturais, como socioculturais, de tempos pretéritos, pois, a paisagem é um mosaico de tempos passados e presentes, o que Santos (2009) chamou de “rugosidades espaciais”. Isso implica dizer que, em sua narrativa poética, Quirino apresenta elementos do passado que estão vivos e que dialogam com os da atualidade.

Foi possível, também, perceber que Jessier compreende a dinamicidade das culturas em função da presença das novas tecnologias que possibilitam o contato dos que vivem nessa região com outras culturas, deixando-se influenciar pela cultura imposta, sobretudo aquelas propagadas pelos meios de comunicação de massa, esses que tem a capacidade de colocar todas as pessoas em contato com todas as partes do mundo. Esse fenômeno tem inspirado o poeta a escrever sobre as peculiaridades que caracteriza o interior do Nordeste como forma de manter viva a simplicidade do povo interiorano.

Assim, foi possível perceber, também, que embora o poema “Isso é cagado e cuspidor paisagem de interior”, muito fale sobre o interior do Nordeste, especialmente dos espaços rurais, ele não pode, nem deve ser analisado isoladamente, principalmente por aqueles que não conhecem o Nordeste como uma região de contrastes sociais e econômicos. Contudo, sempre que for apresentada em uma outra região do país, deve-se ressaltar que é incorreto pensar a Região Nordeste apenas a partir do que a poesia matuta traz, pois, se assim for, incorre-se o sério risco de estigmatizá-la, criando e reproduzindo preconceitos.

REFERÊNCIAS

CLAVAL, P: **A geografia Cultural**; tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3ª ed.- Florianópolis: Ed. da UFSC. 2007.

CLAVAL, P: “**A volta do cultural**” na geografia. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002.

DIAS, Edir Augusto. **Paisagem: Espessura, Textura E Tessitura**, 2009. Disponível em: <http://geovivencias.blogspot.com.br>. Acesso em 25/11/2014.

LUCHIARI, M.T.D.P. **A (re) significação da paisagem no período contemporâneo**. In Paisagem, Imaginário e Espaço. Org. Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós Modernidade**. Editora, texto e contexto enfermagem, vol. 15 num. 1, 2006.

QUIRINO, J. **Paisagem de interior**. Recife. Edições Bagaça, 1996.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 1º ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

MORAES, A. C. R. **Geografia – Pequena História Crítica**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAUER, C.O. **A morfologia da Paisagem** 1925. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUE RJ, 1998. p.12-74

SCHIER, R. A. **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia**. R. RA'E GA, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003. Editora UFPR.

TUAN, Yi. Fu: **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo, Difel, 1982.

Disponível em: <http://www.avozdapoesia.com.br>. Acesso em 30/03/2015

Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/acmelo.html>. Acesso em 30/03/2015.